

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE PSICOLOGIA

Isabel de Arruda Botelho Navarro

**Das calçadas para as telas: a penetração do mercado do sexo nas mídias digitais**

Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia

Profa. Dra. Carolina dos Reis

Porto Alegre  
2022

Isabel de Arruda Botelho Navarro

**DAS CALÇADAS PARA AS TELAS: A PENETRAÇÃO DO MERCADO DO  
SEXO NAS MÍDIAS DIGITAIS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia,  
necessário para a obtenção do grau de  
Psicóloga da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina dos Reis

Porto Alegre

2022

*“A divisão das mulheres entre boas e más beneficia a estabilidade do sistema. O estigma da prostituição nada tem a ver com o que as trabalhadoras sexuais são ou fazem. Ele representa um potente elemento de controle para as mulheres que não atuam na indústria do sexo. O modelo de esposa e mãe abnegada exige muito sacrifício. Ainda que se diga que a mulher é a rainha do lar, sabemos que não é, que é uma pessoa a serviço de todo mundo. É um modelo tão pouco atraente e com tão pouca recompensa e reconhecimento que a única forma de conseguir que as mulheres se adéquem a ele é assegurar a elas que a outra possibilidade é pior.”*

(Dolores Juliano, extraído do livro Putafeminista por Monique Prada, 2018).

*Para minha irmã.*

## **RESUMO**

Desde os anos 2010, o uso de mídias digitais para fins pornográficos/sexuais tem mostrado alto crescimento, tomando o lugar de revistas e linhas telefônicas de flertes. Por esse motivo, existe uma importância em estudar as diferentes formas que tal fenômeno - pornografia digital - vem se desdobrando. Inicialmente, com sites específicos e típicos de exposição sexual e, hoje em dia, foco do trabalho, através da venda de conteúdo adulto em plataformas digitais, webcamming erótico comercial, redes sociais transformando-se em vitrines para conteúdos exclusivos. O trabalho percorre os caminhos trilhados por adultos que vendem ensaios e/ou encontros de cunho sexual - seja por carência afetiva ou por identificação pessoal - alterando a indústria pornográfica e mercado do sexo, seus desafios, semelhanças e diferenças da prostituição de rua, suas relações com o virtual e o pessoal, riscos e benefícios a fim de desestigmatizar a escuta clínica psicológica.

**PALAVRAS-CHAVE:** neoprotestituição, pornografia, internet, venda de conteúdo adulto, modelos, programas

## **ABSTRACT**

Since the year(s) 2010, the use/usage of social medias for pornographic/sexual purposes has shown increased growth, taking over the spot/place of magazines and hot lines. For that reason, there's an increased importance in studying the different ways in which the digital porn phenomenon has been unfolding. Initially, it was presented within specific websites and typical of sexual exposition and, today, the main focus of the presented essay, digital porn exists through digital platforms that allow selling adult content, comercial erotic webcamming. The presented essay navigates through trajectories trodden by adults who sell pornographic content and/or sexual conotation meet ups - might it be for lacking affection or personal identification - switchin the porn industry and sex market, its challenges, similaraties and differences from street prostitution, its relations with the virtual and the real/personal, risk and benefits in order to destigmatize the psychological clinical hearing.

**KEY-WORDS:** neoprotestitution, pornographic, internet, adult content sale, models, sex encounters.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. OBJETVOS.....</b>	<b>8</b>
<b>2.1 OBJETIVOS GERAIS.....</b>	<b>8</b>
<b>2. 1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....</b>	<b>8</b>
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>9</b>
3.1 QUESTÕES NORTEADORAS.....	9
<b>4. RE-CONHECENDO A PRÁTICA DA VENDA DE CONTEÚDO ONLINE .....</b>	<b>12</b>
4.1 AS PLATAFORMAS: CAFETINAS DA CONTEMPORANIEDADE.....	12
4.2 A PROSTITUIÇÃO: NOVAS TECNOLOGIAS, NOVOS ESTIGMAS?.....	16
4.3 VENDER CONTEÚDO ONLINE É PROSITUIÇÃO? OS MOTIVOS DAS DIFERENÇAS RELATADOS.....	20
4.4 SAÚDE MENTAL E CONTEÚDO ADULTO.....	23
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>28</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>
<b>7 ANEXOS.....</b>	<b>32</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco uma configuração de prostituição que vem ascendendo e ganhando novas e novos adeptos: a neoprostituição. Por neoprostituição entende-se uma ramificação modernizada e digital da prostituição presencial. Se aquela se configura necessariamente pelo contato físico, essa, por estar no formato digital, possui apenas o aspecto visual, de não-toque. Sobre essa nova expressão da prostituição, Caminhas (2021) afirma que: “a década de 2010 é um importante marco a ser considerado, uma vez que nela houve a popularização e diversificação do WEC”, em referência ao termo Webcamming Erotico Comercial.

Esta é somente uma das diversas nomenclaturas assumidas em meio a prática, o que reflete as inúmeras ramificações e possibilidades de atuação e venda da imagem do corpo mediada pela internet e plataformas digitais - específicas para a finalidade de venda ou não de conteúdo erótico. Prostituta, criadora de conteúdo adulto, garota de programa, *cam girl*... todas as nomenclaturas diferentes com a ideia de vender produtos semelhantes: sexo, orgasmo, fetiche (Roberto e Maria, 2010). Conforme Burbulhan (2013, apud Leite, 2009) em se tratando da organização da movimentação política das prostitutas, no entanto, "é importante assumir o nome e não fugir dele".

Assim, enquanto na prostituição presencial considera-se importante unificar a nomenclatura, na venda de conteúdo adulto online o importante é salientar as diferenças dos serviços oferecidos e mercados em que as vendedoras atuam: apenas ensaio de fotos sensuais, fotos e vídeos eróticos, fotos e vídeos eróticos e também encontros presenciais e, saindo do campo exclusivamente virtual, existem os inúmeros fetiches, tais como a venda de calcinha usadas, para referir um dos exemplos de práticas encontradas na pesquisa. Sendo assim, no corpo do trabalho, referir-me-ei ao erótico virtual como: neoprostituição, prostituição virtual, venda de conteúdo adulto. Isso porque, de acordo com nossas interlocutoras, nem todas se encaixam no termo prostituta - o que reflete um afastamento da prostituição de rua, seja isso um desdobramento positivo ou não, estimula-se que mais pesquisas sejam construídas sobre o tema.

Conforme proposto por Christine Harcourt e Basil Donovan (2005 apud Angela Jones 2016) existem mais de vinte tipos de trabalho do sexo, divididos, estes, em duas categorias: direto e indireto. o primeiro, quando há contato genital. O segundo, quando não

há contato físico. O presente trabalho tratará, majoritariamente, do sex work indireto: *WEC*, venda de conteúdo adulto, ensaios sensuais, masturbação guiada e todos os termos explicados e explicitados no trabalho trata-se de formas indiretas de sexo, exceto quando pontuado como: encontro, programa e outros termos de compromisso no plano presencial, que se encaixam, então, no trabalho sexual direto.

No ano de 2020, com o surgimento da pandemia de Covid19 criou-se um ambiente propício para que as duas ancoras da prostituição, como posto por Roberto e Maria (2010), a carência econômica e a carência afetiva, decolassem. Combinando esses dois pilares com o aumento notável do uso de smartphones, redes sociais e movimentações anteriores a pandemia que já caminhavam no sentido de trocar relações reais por intercâmbios virtuais (Lipovetsky, 2004 apud Roberto e Maria, 2010), resultou-se em um aumento do número de mulheres que passaram a ver o mundo de venda online de conteúdo adulto como uma possibilidade de ganhar dinheiro. As demissões em massa e o fechamento de estabelecimentos por consequência da pandemia, tornaram-se, ainda, motivações importantes para o ingresso de muitos homens, mas especialmente, de mulheres no mundo erótico. Partindo da ideia proposta por Roberto e Maria (2010), a carência econômica atua como elemento propulsor sobre o vendedor que está disponibilizando o conteúdo, já a carência afetiva não se limita apenas a quem está comprando, como veremos ao longo do trabalho, as pessoas que vendem conteúdos adulto online também estão expostos a carência afetiva como efeito da sua atividade profissional.

Além desta última, o adoecimento principal da atividade, ao contrário da prostituição de rua onde I são consideradas risco ocupacionais (Ana Moura et al, 2009), na vida virtual estão sujeitas a: tendinite, enxaqueca, lombalgia, problemas do sono - uso exacerbado de energético, ausência de rotina no sono. Sintomas esses que se aproximam do descrito como Síndrome de Burnout: elencada na Portaria n. 1.339/99 do Ministério da Saúde como doença relacionada ao trabalho, é um transtorno caracterizado pela exaustão em decorrência do trabalho, estresse laboral crônico, na qual o trabalhador pode apresentar os seguintes sintomas: dores no corpo; enxaquecas; distúrbios do sono (Santos e Baracat, 2021). A neoprostituição aproxima-se, assim, de profissões tais como a de professores e profissionais da saúde, de acordo com levantamento no Google Acadêmico, as carreiras mais citadas relacionando com Síndrome do Burnout.

No entanto, em decorrência dos estigmas que se colocam sobre essa prática profissional, muitas das trabalhadoras e trabalhadores sexuais não buscam atendimento psicológico por receio de sofrerem preconceitos ou serem reduzidas a sua prática. Frente a isso e a fim de

estreitar o tema de pesquisa, me limitarei a aprofundar os desfechos e detalhes colhidos na pesquisa a respeito da venda de conteúdo adulto na internet e seus desdobramentos, impactos e presença na realidade, transcendendo, assim, seu caráter de apenas virtual.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVOS GERAIS**

O presente trabalho busca explorar a realidade das vendas de conteúdo online a fim de conhecer melhor essa prática e romper com alguns dos estigmas que a circunscrevem, de modo a favorecer uma escuta terapêutica acolhedora.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Relatar diálogos que descrevam o trabalho de pessoas que vendem conteúdos sexuais online;
- Conhecer alguns dos riscos e motivações relacionados a essa prática.
- Identificar algumas semelhanças e diferenças da prostituição presencial.
- Desestigmatizar a escuta psicológica acerca do trabalho sexual para que se possa promover uma escuta integral de homens e mulheres trabalhadores do sexo.



### 3. METODOLOGIA

A metodologia inicial da pesquisa buscava comparação entre prostituição de rua e prostituição online, desdobrando semelhanças, diferenças e impactos da primeira na segunda, através de uma análise bibliográfica crítica. No entanto, esbarrou no fato de que há escassez de bibliografia que foque nas ramificações abrangendo a internet e os mercados do sexo. Logo, um empecilho para aprofundar as comparações entre ambas as atividades. A partir disso, voltamos o foco, então, para os estudos e pesquisas sobre prostituição online, a fim de compreender a atividade e proporcionar materiais para futuras pesquisas, buscando avançar frente a escassez de diálogos exclusivos sobre a imaginada prostituição online. Além disso, conforme será explicado no decorrer do trabalho, a comparação que buscava-se fazer talvez estivesse equivocada desde sua premissa inicial. Aquilo que pensávamos se tratar da prostituição típica de rua tornada digital. Pensamos que esta era vista pelas praticantes como uma nova vertente, ramificação, uma espécie de modernização e aprimoramento da venda do corpo. No entanto, ao longo da pesquisa, fomos entendendo que esta não era a visão das pessoas que atuam nesse mercado, associando essa prática muito mais à venda da imagem, seja do personagem, seja da rotina, não sendo entendida pela maioria como prostituição.

Ainda trabalhando em cima da ideia original, percebi uma demanda importante acerca da necessidade de abrir diálogos e espaços para quem, de fato, ocupa e realiza esse labor e, impulsionada pela crença pessoal que espaços de falas devem ser respeitados e conduzidos por quem está dentro da realidade a ser estudada e, também, pela dificuldade de acesso à ambientes de prostituição de rua - boate, saunas... - seja pela pandemia que limita as circulações, seja pela aproximação a quem exerce, optou-se por restringir as conversas realizadas no formato virtual com mulheres que vendem conteúdo adulto na internet.

Buscando valorizar a experiência e viabilizar a disseminação da informação e público de escuta, foram realizadas nove entrevistas semiestruturadas com pessoas que vivem a realidade de vender conteúdos adultos nas plataformas digitais, para que, assim, a pesquisa pudesse se aproximar da complexidade que compõe essa atividade. Destas nove entrevistas, oito foram realizadas com mulheres e uma com um homem de diferentes partes do Brasil. Na sua maioria são pessoas brancas e cis gêneros. Todos os entrevistados têm um nível de escolaridade elevado, com ensino superior completo ou incompleto, alguns com cursos de pós-graduação. Esse elemento, associado ao fato de que alguns indicaram que o ingresso na prática estava associado a perda momentânea de emprego no seu ramo de atuação, aos valores referidos

para alguns produtos ou como renda mensal decorrente da prática, bem como a partir do que se pode apreender das imagens apresentadas pelos entrevistados nas redes sociais, permite inferirmos que se trata de pessoas de classe média e média alta. Com isso não queremos dizer que o mercado de venda de conteúdo adulto online é ocupado apenas por pessoas com escolaridade e nível socioeconômico elevado, mas que é um mercado bastante acessado por pessoas com esse perfil e que nossa pesquisa acabou assumindo esse perfil de entrevistados.

Outro elemento que pode ter contribuído para que a pesquisa assumisse esse recorte foi o modo de busca dos participantes. A fim de abrir espaço para fala de quem trabalha no mercado e articular tais relatos com escritos acadêmicos, buscou-se pessoas que vendem conteúdo adulto, majoritariamente, no Instagram através de indicações e seguidores. Isto é, seguidores das redes da própria pesquisadora indicaram contatos de pessoas que trabalhavam nesse ramo e, a partir desses contatos iniciais, buscamos nos seguidores das próprias entrevistadas outras profissionais. Além disso, buscamos também contatos no Twitter através de hashtags e de indicações de contatos da pesquisadora. Sendo assim, destaca-se que as análises aqui realizadas estão circunscritas a esse perfil, o que indica a importância de estudos mais abrangentes e com outros recortes populacionais para que se possa ter uma maior dimensão das complexidades que envolvem esse mercado profissional.

A maneira escolhida para ter acesso às informações da pesquisa foram entrevistas semiestruturadas, que, de acordo com Minayo (2007), é um instrumento privilegiado para as Ciências Sociais, pois considera a fala como reveladora de condições estruturais, normas, símbolos e sistemas de valores e é capaz de transmitir representações grupais importantes (Roberto e Maria, 2013). Para tanto, usamos nove perguntas disparadoras, construídas inicialmente por nós, mas, no decorrer das conversas, estas foram incrementadas com sugestões das participantes. Optamos ao longo do trabalho em falar das participantes no feminino pelo fato de que a maior parte das entrevistadas se identificaram como mulheres.

### **3.1 QUESTÕES NORTEADORAS**

1. Qual sua identificação de gênero e orientação sexual?
2. Qual seu nível de escolaridade e profissão?
3. Considera a atividade (venda de conteúdo) como prostituição, experiência erótica ou outro?
4. Você compartilha com seus familiares/amigos que vende conteúdo adulto?
5. A existência de nichos/fetiches facilita o ingresso no mercado de venda de conteúdos?

6. Você se sente satisfeita com a atividade e os retornos que ela traz?
7. Você se sente segura na atividade? Existem riscos? Se sim, quais?
8. Qual o seu público? (Ex: homens héteros, casais...).
9. Você faz encontros pessoalmente ou apenas virtuais?

## 4. RE-CONHECENDO A PRÁTICA DA VENDA DE CONTEPUDO ADULTO ONLINE

### 4.1 AS PLATAFORMAS: CAFETINAS DA CONTEMPORANEIDADE?

“Se abrir um OnlyFans a gata ganhará milhões” – Bad Bunny, mais de 100 milhões de visualizações no YouTube

“Numa hora de ousadia talvez ela abra um OnlyFans” – Beyoncé, mais de 70 milhões de visualizações no YouTube.

As redes sociais seguem as mudanças da sociedade e, atualmente, vêm também alterando as formas de nos relacionarmos. Conforme Christiany Juditha (2020) o rápido desenvolvimento de Tecnologia da Informação e Comunicação tem incidido nas relações sociais e econômicas, transformando a qualidade da vida humana<sup>1</sup>. Ao contrário do histórico do início das redes sociais – Icq, Orkut, Messenger... – é difícil localizar os primeiros movimentos de conteúdo adulto feito e publicado por mulheres, de forma autônoma na internet. No entanto, como as *camgirls* já eram famosas no submundo dessa desde o início dos fotologs, blogs, sugere-se que foi com a inserção das webcams nos computadores que iniciou os movimentos de exibicionismo virtual, antecidos pelas linhas telefônicas de relacionamento e chats de paquera.

“WEC é um desdobramento do homecamming, um estilo de transmissão online que predominou nos anos de 1990” (Lorena, 2021). Seguindo a linha de raciocínio dos desdobramentos eróticos oriundos de atividades não sexualizadas, a venda de conteúdo adulto pode ter sido originada como uma ramificação das influenciadoras digitais de redes sociais censuradas - instagram, twitter. O trecho a seguir, proposto por Lorena (2021) “(...) compartilhando na internet suas experiências pessoais em tom confessional” reverbera uma das falas das participantes da pesquisa: o cliente<sup>2</sup> que consome esses conteúdos, muitas vezes, chega através de outras plataformas de redes sociais que, por sua vez, desperta a vontade de ver mais. Sendo, esta, inclusive, uma tática que os vendedores de conteúdo acharam para usar a seu

---

<sup>1</sup> Tradução livre.

<sup>2</sup> Outro ponto importante é o uso do pronome “ele”, que se refere ao consumidor, mas não pretende induzir a ideia que apenas homens compram os ensaios e vídeos: durante conversa com S., relatou que, durante o período do dia dos namorados, é quando suas vendas mais sobem: mulheres compram os conteúdos para presentear os namorados, para assistirem juntos e 25% do seu público são mulheres e casais. A presença de mulheres consumidoras também foi conferida na fala de T., que vende e atende casais, mulheres lésbicas e mulheres trans e C. que vende para homens e mulheres.

favor: utilizam a censura das redes sociais para promoverem amostras grátis dos conteúdos exclusivos, ou seja, ele está pagando pela exclusividade de ver aquilo que outras redes sociais não permitem que seja mostrado.

A dificuldade de rastrear o início das movimentações de venda de conteúdo adulto por iniciativa feminina pode ser ainda efeito da censura cultural – que segue existindo, mas de forma mais discreta – e, também, das redes sociais que diretamente, através de exclusão de contas, e indiretamente, por meio de *shadowban* - o ato de restringir o alcance dos conteúdos postados que vão contra as diretrizes da rede - o que apaga dos históricos digitais e dificulta concretizar um marco inicial. Assim, embora a prostituição não seja mais considerada crime no Brasil, sendo considerado ilícito somente o ato de prostituir outras pessoas, - de acordo com o Art. 230 do Código Penal (Decreto Lei 2848/40) “tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça” - ela segue sendo considerada imoral, prática controversa inclusive em meio a plataforma que se beneficiam com a venda deste tipo de conteúdo.

Atualmente vemos plataformas, criando, mesmo que inicialmente sem intenção explícita, espaço para a prática de venda de conteúdo se(x)nsual. Isso ocorre em decorrência dos recursos oferecidos. Um dos aplicativos que atualmente muitas mulheres usam para venda de fotos eróticas, foi criado em 2011, o Snapchat<sup>3</sup>, e revolucionou a autonomia dos usuários: se antes não era possível ter controle sobre "screenshot" (a ação de capturar a tela por uma espécie de fotografia digital instantânea, capturando o que foi enviado pelo remetente e que está na tela do destinatário) de imagens enviadas, com o snapchat, o remetente passou a ser notificado se o destinatário usou o recurso "screenshot" na foto. Também, tornou possível controlar quanto tempo o destinatário vê a imagem.

Já outra plataforma, a Onlyfans<sup>4</sup>, cinco anos depois, criou um dispositivo que permite fazer o conteúdo visível apenas para aqueles que assinam a página do vendedor: ou seja, pagam para ver o que está sendo postado e para conversar com o dono da página. As plataformas, que anunciam seus aplicativos como ferramentas de comunicação - mensagens de textos, vídeos, fotos, videochamadas - e aproximação do público com o criador de conteúdo, diferente, por exemplo, do Pornhub<sup>5</sup>, que se intitula como um site para vídeos de sexo gratuito, já realizaram movimentos de buscar banir imagens explícitas, tentando afastarem-se do estigma sexual, no entanto, ambas plataformas voltaram atrás. Por oferecerem um serviço diferente - Snapchat

---

<sup>3</sup> Snapchat.com

<sup>4</sup> Onlyfans.com

<sup>5</sup> Pornhub.com

oferece controle sobre as imagens e notificações no caso de screenshot; Onlyfans bloqueia o conteúdo postado e só libera para visualização e interação mediante pagamento - atraiu o mercado da venda de imagens.

Nenhuma das duas plataformas citam em seus sites oficiais prostituição, venda de conteúdo adulto e similares, apenas citam trocas de mensagens instantâneas e falam em conectar públicos. O repasse de imagens e vídeos sem autorização é um problema que evidencia a negativa em se associar a prostituição e o receio de estigmatizar os aplicativos como pornô. Onlyfans, uma das maiores plataformas de venda de conteúdo adulto, até o momento da escrita, mesmo indo veemente contra a distribuição de imagens fora da plataforma - o que retira o sentido de exclusividade proposto pelos criadores do app e, também, afeta os lucros - não possui método de controle sob furto de conteúdo sem autorização tal como o Netflix, por exemplo, plataforma de filmes e séries, na qual, caso o telespectador faça um screenshot, a imagem fica preta, sem reproduzir o que estava sendo assistido. Ou seja, ainda que esses recursos sejam de fácil acesso, até mesmo plataformas que acabam sendo mais utilizadas por trabalhadores e trabalhadoras sexuais, ainda não os protegem.

De acordo com as entrevistadas na pesquisa, o vazamento de conteúdo é um dos riscos mais citados. Importante destacar que existem ramificações dentre os tipos de vazamento: o vazamento rentável, o vazamento proposital, o vazamento ilegal e o vazamento expositório. No primeiro, é um vazamento que acaba gerando engajamento para as modelos - ou seja, como uma forma de marketing, levando o nome e o usuário da modelo; o segundo, quando o vazamento é feito pela mesma, como uma maneira de fornecer “sneak peek”/amostra grátis do conteúdo que o assinante terá se comprar o ensaio; o terceiro e quarto, possivelmente sinônimos entre si mas não necessariamente obrigatório, é quando é vazado, ilegalmente - sem permissão, sem gerar lucro para a modelo - o conteúdo assinado e, para aquelas que trabalham anonimamente ou escondidas da família, gera, também, a exposição do segredo. A exemplo do relatado pelas entrevistadas:

*Sinto sim, tenho a liberdade de escolher com quem vou gravar e que tipo de conteúdo quero produzir, os riscos são os vazamentos de conteúdo, no início eu achava bem ruim, hj vejo como marketing gratuito e só controlo o tanto que é vazado. (B.)*

*Outro risco que vejo é o vazamento de conteúdo, mas isso pode acontecer com qualquer pessoa, inclusive já havia acontecido comigo antes de vender conteúdo. (H.)*

*As vezes não me sinto segura, por conta da exposição e possíveis vazamentos de conteúdos. É um nicho que existe muitos hackers e criminosos. (T.)*

*Muitas meninas trabalham de forma escondida e sua imagem sempre vai vaziar. Hoje em dia a pornografia ela é muito fácil para poder se espalhar então assim eu tenho ensaios completos na internet, se você jogar meu nome e nua ou pelada infelizmente você encontra no google, isso é um risco que quem trabalha com essa parte de venda de conteúdo adulto sofre, infelizmente é real e é quase impossível eu não conhecer nenhuma modelo que não tenha vazado pelo menos um conteúdo até mesmo dentro de plataformas vazam e é complicado, acredito que a única coisa chata seja isso na profissão mas de resto tudo tranquilo (N.).*

Assim, embora haja diversas plataformas que proporcionam acesso ao trabalho sexual - incluindo a brasileira nova no mercado Privacy - a pesquisa citará, majoritariamente, Onlyfans e Snapchat por terem sido as mais referenciadas pelas entrevistadas. Refletindo sobre as mudanças e semelhanças que o digital trouxe frente ao trabalho presencial, podemos inferir que, se antes agenciadores, cafetinas, donos de boates e de saunas eram os responsáveis pela inserção e promoção da atividade, hoje, seriam as plataformas digitais que estariam fazendo esse papel? Tais plataformas, que não se posicionam, isto é, não banem, mas também não oferecem segurança, que são as gigantes do mercado, são as que tiram boa parte de seu lucro da venda de conteúdo que ocorre nela, dentre esses do conteúdo se(x)nsual. Não seria essa uma forma de exploração de trabalhadoras e trabalhadores sexuais tal como descrito no Art.230 da referida Lei Penal? Não haveria aí uma reedição de antigas formas de exploração sem a devida proteção desses e dessas profissionais? Não seria essa prática semelhante a lógica presente nos referidos lugares que ora protegiam, ora expunham as e os trabalhadores em prol de mais ganhos financeiros?

Esse trabalho não ousa responder essas questões, mas levantá-las na expectativa de que possam gerar discussões futuras, importantes tanto para o exercício dessa prática profissional, como para a Psicologia, frente a necessidade de compreender melhor esse contexto de modo a qualificar a escuta psicológica e a promoção de estratégias de cuidados aos e às trabalhadoras sexuais, quanto na área da tecnologia da informação e do próprio Direito que já vem avançando nesse debate com advogados especializados em direitos digitais, como relatado e contratado por B..

Nos Estados Unidos, já existe o que chamam de Digital Millennium Copyright Act - Lei dos Direitos Autorais do Milênio Digital - que primariamente busca proteger modelos de terem seus conteúdos privados expostos em sites secundários ao que publicaram as imagens. No entanto, ainda há brechas que comprometem a segurança: caso o indivíduo que teve o conteúdo vazado busque ação judicial e preencha os dados com sua identidade verdadeira, quem vazou as imagens poderá ter acesso às informações pessoais da vítima. Para isso, os sites nos Estados Unidos oferecem a possibilidade de modelos prestarem queixa à plataforma que postam seus conteúdos e a plataforma, então, preste queixa contra o site secundário que vazou as fotos, ensaios, vídeos etc. Indicando a necessidade de que avancemos na formulação de meios de proteção a essas e esses trabalhadores.

#### **4.2 A PROSTITUIÇÃO: NOVAS TECNOLOGIAS, VELHOS ESTIGMAS?**

A prostituição, segundo ditos populares é a “profissão mais antiga do mundo”, no entanto, passou a integrar a Classificação Brasileira das Ocupações somente em 2002. Como posto por Roberto e Maria (2010): “a prática da prostituição se expressa como um fenômeno atemporal que ultrapassa os limites geográficos, a pressão, o estigma, a discriminação. Tal como um rio se molda ao ethos de cada época (...)” assim, a prostituição também acompanhou o desenvolvimento tecnológico, a emancipação feminina e a disseminação do empreender e vender o corpo e a imagem de forma a integrar o mundo virtual. Lorena Rúbia Caminhas (2021) discutindo sobre o *webcamming* erótico comercial (WEC), propõe que a prática esteja “configurando-se como um novo ramo dos mercados do sexo nacional”. É possível dizer que a venda de conteúdo adulto na internet é um futuro promissor e cada vez mais concretizado da pornografia.

Assim como a prática, os estudos sobre a prostituição não são novos, tampouco são escassos. O que é escasso, no entanto, são estudos que busquem ouvir e compreender diferentes



perspectivas de quem atua na profissão e sem a lente moralizadora que se inscreve sobre a profissão desde gerações passadas. A exemplo disso, Christiany Juditha (2020) afirma que: “Prostituir-se é a ação de homens e mulheres que trocam seus corpos, dignidades e personalidades por pagamento<sup>6</sup>”. Lentamente, vamos dando espaço, vozes e embasamento para que novas gerações novas percebam a diferença entre uma atividade e um crime:

É óbvio que existem pessoas vivendo nessas condições; falar delas, porém, é falar de crimes que precisam e devem ser combatidos, e não de um trabalho, o nosso, e da luta para torná-lo mais seguro. (...) Amaldiçoar esse dinheiro é uma atitude bastante moralista. Ninguém diz que publicitários, médicos e secretárias trabalham porque são viciados em seu salário, e tampouco alguém ousaria condenar qualquer um que troque seu trabalho por outro em que receba pagamento melhor – a não ser que esse outro trabalho seja trabalho sexual.” (...) Aparentemente, o dinheiro ganho com o trabalho sexual é um dinheiro que não empodera, ainda que tenha exatamente o mesmo poder de compra que o dinheiro recebido pelo exercício de qualquer outra atividade (Monique Prada, 2018).

Pensando em uma comparação as nuances da atuação no campo da pornografia com a prática da Psicologia, por exemplo: um curso de graduação com diversos seguimentos, possivelmente, pouco conhecidos pelas pessoas fora do ramo: psicanálise, DBT, TCC, AEC, sistêmica, Lacan e segue. No outro campo, exercícios ilegais da profissão de psicólogo. Ou seja, a psicologia é sim uma profissão presente e importante na sociedade, mas quando colocam charlatanismos, sem formações, repassando e utilizando de instrumentos sem a formação necessária para manejo, sabemos que é uma prática não válida. O mesmo ocorre quando se compara o erotismo, pornografia, programas com tráfico, abuso e outros crimes e violências sexuais.

Assim como temos profissionais da Psicologia que tratam comportamentos específicos, conforme optaram durante seus trajetos profissionais, existem também mulheres que passam a vender conteúdo conforme se identificam: algumas apenas ensaios nus online, outras, ensaios nus online e encontros presenciais, ou então, vídeos virtuais ao vivo, simultâneo - masturbação guiada (presente também nos planos terapêuticos e holísticos da meditação) - e assim por diante.

Desta forma é possível compreender que a moralização ou vitimização de trabalhadores sexuais são práticas que estigmatizam e invisibilizam a variedade de sentidos que podem ser atribuídos a essa experiência. Lembrando a ideia citada por Birman (1999 apud Roberto e Maria 2010) sobre cultura do narcisismo, na venda de práticas eróticas, conforme a passagem de uma interlocutora: *“eu entendi que o meu fetiche não é do cliente pelado mas sim do meu*

---

<sup>6</sup> Tradução livre.

*exibicionismo, eu gosto de mostrar*” - U., ou seja, é interessante e desejável para quem está vendendo a luxúria oriunda do corpo, da sua imagem, a certeza que está tendo um impacto no cliente; “*nós nunca sabemos o poder que nosso corpo tem até que o usemos*” - B..

A venda do erótico também pode significar a retomada de um lugar de poder por meio da sexualidade por mulher, homens gays e outras minorias que, muitas vezes, é usurpada de um lugar de poder nos relacionamentos. Deve-se estar em um padrão desejável de corpo, deve se comportar a fim de ser cobiçável, mas não se deve lucrar com isso. A ideia de ser empreendedor de si, investir em si e exibir a si encontra com a oportunidade que a pornografia proporciona de exibicionismo e idolatração.

Ainda, seguindo a segunda ideia proposta por Birman (1999 apud Roberto e Maria 2010), temos a sociedade do espetáculo bastante representada nas falas das entrevistadas. “*O conteúdo adulto vende mais que filme pornô e vai ser o futuro da pornografia*” - S., uma espécie de reality show vs reality porn. A sociedade do espetáculo, do século vinte e um, é esta que consome reality shows das mais diversas formas há vinte e dois anos, que têm interesse em assistir, julgar, entreter-se com a vida cotidiana de pessoas que se assemelham a si: a sensação de estar perto daquilo que deslumbra, que entretém. Passando para o celular, onde o proprietário que passa a escolher e selecionar - diferente da tv, onde um diretor seleciona quem integrará a equipe - o que(m) irá consumir: assistir vlogs, stories, assistir por si só é um fetiche e quando existe a possibilidade de assistir alguém realizando justamente o seu, tão unicamente seu - e de mais milhares de espectadores - fetiches: a identificação, a idealização, a personalidade.

Ademais, em consequência do crescimento do WEC, filmes pornôs, famosos nos anos 2000-2010, estão perdendo e migrando seu público para a venda de conteúdo adulto pessoal: para quem produz, a possibilidade de criar, gravar em casa como quiserem, o exibicionismo de produzir, dirigir e atuar, assistir a si próprio. Para quem consome, a sensação de exclusividade, de saber que aquele conteúdo não é gratuito, de acesso universal, é dividido apenas com pessoas que possam arcar com os custos de ter material produzido especialmente para os colegas assinantes, saber que houve desempenho, a criatividade exercida/exibida, poder ter acesso ao fetiche que busca de forma única e aprofundada.

Embora não tenhamos tido, nessa pesquisa, a oportunidade de acessar garotas de programa que exercem atividade exclusivamente de forma presencial, mas lembrando-se que quem atua no online, por vezes, não vende somente online. Diferente do que foi proposto por Roberto e Maria, 2010, que dizem que: “(...) na fala dessas profissionais do sexo (...) não se permitem sentir prazer sexual com os clientes (...)”, para a entrevistadas, na internet, é bastante

diferente: conforme relato das participantes, pagamentos são feitos para assistirem-nas masturbando-se, chegando ao orgasmo e, também, fornecendo meios para tal:

*Eu ganhei um vibrador que é controlado a distância, você pode conectar com o Spotify e ele vibra conforme as ondas da música. (B.).*

Tal diferença é uma das importantes pontuações levantadas na pesquisa: a maioria dos entrevistados se identificam com a atividade, revelam que exercer-lá faz parte do seu fetiche e que antes de monetizarem, já flertavam com o erótico de outras maneiras como, por exemplo, enviando imagens sensuais sem custo, postar em redes sociais sem intuito de ser amostra grátis do conteúdo particular/privado/exclusivo.

A perspectiva então, será esta proposta por Ronald Weitzer (2009 apud Angela Jones, 2016):

*(..) ambas as perspectivas de opressão e empoderamento são unidimensionais e essencialistas exploração e empoderamento estão, certamente, presentes no trabalho sexual, no entanto, ha variantes suficientes para demonstrar que sex work não pode ser reduzido a um e nem ao outro. uma alternativa de perspectiva é o que eu chamo de paradigma polimorfo, que assegura uma constelação de arranjos ocupacionais, dinâmicas de poder e experiencias no trabalho.*

As falas das participantes corroboram a perspectiva proposta por Weitzer: em algumas passagens, é possível identificar que algumas vendedoras de conteúdo têm mais afinidade com a profissão e, outras, estão ali pela carência financeira - conceito exposto previamente no trabalho. É inviável compreender todas as faces que o dinheiro assume para as entrevistadas, mas:

*É um trabalho que me trouxe independência de não estar mais em ambientes que são perigosos (S.).*

*O que ganho lá eu não ganharia em um mês em um trabalho “normal” por exemplo. Mas as vezes realmente não é muito confortável (B.).*

*É um mercado muito rentável que geralmente não tem crises econômicas (T.).*

*No meu caso eu faço porque estou desempregada (M.).*

São passagens que refletem a dualidade dos resultados encontrados na pesquisa: quem faz porque se identifica com o mercado - investe e, conseqüentemente, têm maiores retornos e quem está ali apenas por ausência de outras oportunidades. Ou seja, conforme indicado por uma das entrevistadas, não deve ser encarado como uma solução rápida: “*É uma falácia achar que onlyfans é pra se tudo der errado*” - U., mas sim como um ramo de profissão a se dedicar e explorar, como uma das participantes que relatou ter iniciado na frente das câmeras, mas já tem projetos de tornar-se filmmaker ou como outras participantes que abriram lojas e negócios como o faturamento vindo das vendas de conteúdo adulto.

#### **4.3 VENDER CONTEÚDO ONLINE É PROSTITUIÇÃO? OS MOTIVOS DAS DIFERENÇAS RELATADAS**

Observa-se, a partir dos relatos das entrevistadas, que há um afastamento, direto ou indireto, da prostituição de rua, especialmente daquelas que declararam que vendem e atuam apenas no campo virtual e, já dos entrevistados que também trabalham com encontros presenciais, ao vivo, há uma diferenciação do nível de envolvimento com a atividade - diferente da prostituição de rua: “*atender clientes pessoalmente é mais raro por ser mais caro*” - S., ou seja, não está mais fazendo um papel primário de prostituição de rua, sauna, boate mas sim como um serviço extra, adicional e extremamente rentável do virtual: pelo retorno financeiro ser alto, a expectativa e desejo de afastamento daquilo que é visto como barato é elevado, espera-se, então, respeito igualitário a outras profissões com remunerações altas. É um estigma a ideia de que a prostituição presencial também não inclui grande esforço, trabalho e demanda intelectual.

*Muitas meninas que trabalham com isso fazem programa, a maioria tem seu valor, às vezes é um valor bem alto então acaba não fazendo muito, mas é difícil uma que venda conteúdo adulto que nunca tenha feito programa na vida, todas que conheço já fizeram, até falam que não, mas eu sei que fizeram (S.).*

*Não considero prostituição. Minha experiência com as vendas é levada sim como uma profissão com uma ligação de exibicionismo (N.).*

*Prostituição não. Algo como experiência erótica sim (B.).*

*Eu considero como um tipo de prostituição sim, uma prostituição virtual (H.).*

A venda de conteúdo adulto tem sido foco nas redes sociais além das utilizadas para venda, por exemplo, Tiktok: “Comecei a gravar vídeos pro tiktok contando minha rotina de como era trabalhar em boate, como garota de programa e meu vídeo viralizou”. A viralização, o alto engajamento do público, a atenção recebida, geram uma glamourização ao redor da prática. Por tratar-se de pessoas com escolaridade elevada, existe uma linguagem sofisticada, com uso de termos contemporâneos usados em trabalhos que se dão no meio eletrônico, com forte uso de expressões em inglês. Uma lógica que busca destacar que se trata de um trabalho que exige não somente um corpo desejável, mas uma capacidade intelectual igualmente elevada, bem como uma boa capacidade de investimento: não é algo do acaso, é uma profissão que exige um planejamento. Corroborando com o proposto por Leite (2005 apud Roberto Maria, 2010): “a prostituição como uma forma de trabalho, não pode ser entendida e explicada pela busca de dinheiro fácil, deve existir uma outra atração por esse mundo além da questão financeira”.

Um dos pontos de maior importância relatado pela entrevistada S. é a liberdade de escolher como, quando e qual maneira o conteúdo será filmado: “Tenho a liberdade de escolher com quem vou gravar e que tipo de conteúdo quero produzir”. Oposto ao afirmado por Pires (1983 apud Roberto e Maria 2010): “é o aluguel da própria dignidade quando alguém é forçado pelas circunstâncias a agir contra a própria consciência”. Ou seja, o relato das entrevistadas difere-se do que foi proposto pelos autores, que afirmam a ausência de escolha na prostituição presencial. Na pornografia digital, a liberdade assume um caráter autônomo.

*Eu tiro meus nudes, posto lá no of\*, ganho dinheiro com isso, não tenho contato com nenhum homem, é tudo extremamente feito com distância e com minha criatividade, minha câmera, as poses que eu quero, as fotos que eu escolho divulgar, são todas minhas escolhas, isso é o contrário de ser prostituta (B.).*

Martin (2003) afirma que a prostituição é considerada uma profissão estruturada pelas relações comerciais onde um corpo é colocado à venda por dinheiro ou outros bens” (apud Roberto e Maria, 2010). Pensando na linha de raciocínio da passagem que intitula o capítulo e, também, no que foi relatado por U. “*o modelo capitalista é uma grande prostituição da nossa mão de obra*”: ou seja, não estaríamos todos nós, mais perto ou mais afastados daquilo que a sociedade julga imoral, vendendo o corpo?

O estigma que recai sobre prostituição presencial, no entanto, manteve-se presente nos relatos. A partir disso, existem duas perspectivas: um movimento de separação e distanciamento da atividade presencial, seguido da glamourização da venda online - não de todos seus aspectos, mas de que é um nível superior, tanto de escolaridade, quanto de realidade econômica e social.

*Naquela época, ninguém podia sair para pegar ninguém, então compravam muito conteúdo. Comecei a vender fotos, meu primeiro mês trabalhando com conteúdo digital faturei vinte e cinco mil reais e os meses seguintes também foram isso, vinte a vinte e dois mil, por aí (S.).*

Algumas falas trazem uma linguagem contemporânea de mercado, talvez, seguindo uma lógica de uberização da pornografia, revelam que possa existir uma sugestão que o online é mais relacionado a fama e atenção voltados para si, empreendedorismo de si do que de fato um serviço para terceiros, que busca satisfazer o prazer do outro.

A ideia proposta por Martin (2003 apud Roberto e Maria 2010) que fala sobre o estereótipo da necessidade, como uma maneira de comover o interlocutor e posicionar-se como a prostituta vítima do destino, não cabe no universo virtual: “*antes mesmo de monetizar, eu já flertava com esse universo*”, reflete uma das entrevistadas. Ou seja, o financeiro pode ser, sim, um atrativo, mas os relatos refletem a necessidade de uma identificação para maior qualidade de vida no ramo.

Como proposto por Angela Jones (2016): “debates sobre trabalho sexual ser inerentemente exploratório ou empoderado são problemáticos pois são redutivos<sup>7</sup>”. Assim como proposto pela autora, este trabalho não busca definir por um ou por outro. Como outros trabalhos, dentro da lógica capitalista, é passível de exploração e também de empoderamento através do retorno financeiro e vivências que apenas o dinheiro permite. Sendo assim, o

---

<sup>7</sup> Tradução livre

dinheiro esse, ganho pelo trabalho sexual, passa a adquirir diferentes valores de acordo com cada um dos prestadores de serviços eróticos.

#### 4.4 SAÚDE MENTAL E CONTEÚDO ADULTO

Boates, saunas, casas de swing e similares são locais típicos de exercício de prostituição, fiscalizados pela vigilância sanitária - instituição esta rígida que impõe a necessidade de uso de preservativo: *“as ISTs estão mais presentes no sexo casual do que no sexo profissional”* - S.. Boates de prostituição também são conhecidas por serem locais de realizações de abortos clandestinos - seja pelos médicos que são clientes, pelas mulheres que entram na prostituição grávidas e buscam terminar a gestação e ganhar dinheiro. Diferente da prática online, não precisa de tantos recursos para se iniciar nas boates, o trabalho é mais laboral, fisicamente exaustivo por depender de longas jornadas e alta exposição ao uso de drogas, aumentando, assim, os riscos da profissão. Pensa-se, no entanto, que as pessoas ali expostas também utilizam significativamente a força mental, o intelecto permite que se protejam de situações e exposições maiores a riscos, ter uma boa habilidade social e de negociação com os clientes para lucrarem mais e assim por diante.

Já na internet, relatam ser um ambiente menos perigoso, mas com um processo de ingresso mais extenso e autônomo. *“Iniciei com foto de biquíni mas os clientes querem ter acesso a você, a sua exclusividade e isso dá acesso a muito dinheiro, quatro mil reais fácil”* - S.. Diferente das boates, é necessário ter mais dinheiro para poder investir: comprar celulares modernos, câmera, internet, iluminação, microfone, ou seja, é necessário realizar planejamento prévio e explorar a criatividade para entender o que os clientes querem ver, o que está em alta no mercado - cosplays, por exemplo -, maneiras de se destacar nos nichos a fim de conseguir clientes e inscritos pagantes nas plataformas.

O trabalho passa a ser mais intelectual do que de fato físico - atender clientes pessoalmente é mais raro por ser mais caro. No entanto, não deixa de ser menos desgastante, é necessário estar sempre atenta ao que está em alta ou em falta no mercado, por exemplo: escassez de *film makers*<sup>8</sup> mulheres, que entendam e tenham olhar mais atento ao que é mais sensual, mais atraente e vendável, por exemplo: quando gravando com um modelo homem e uma modelo mulher que o público é majoritariamente homens homo e heterossexuais, usar três

---

<sup>8</sup> Diretoras de filme.

câmeras diferentes que focuem em cada parte do corpo que cada público queira ver - o dela quer ver ela, já o dele, quer ver ele.

*Você tem que estar ali o tempo todo junto respondendo cliente, cheguei a surtar, fiquei três meses trabalhando demais, era viciada em energético, tomava três, quatro latas de energético por dia para dar conta de trabalhar. Mas teve dia de fazer dois mil e quinhentos reais em um dia só, pensa quantas pessoas eu respondia, gravava vídeo pro tiktok, fazia todo meu marketing, sempre fazia tudo muito sozinha então é um trabalho que me trouxe independência de não estar mais em ambientes que são perigosos mas é um trabalho que consome muito a cabeça da gente, principalmente se você tem que fazer tudo sozinha, como a maioria das minhas amigas fazem que nem eu (...) Então é um trabalho que exige mais de você do que ser garota de programa, porque a garota de programa vai ali, o cara chama ela, vai lá, transa e no fim paga e no fim tá tudo certo, é uma horinha que você vai receber mas é um trabalho estranho, eu prefiro trabalhar na internet (S.).*

*Trabalhar com a internet é cansativo e é um trabalho invisível, então, ninguém reconhece quando você passa horas respondendo mensagem, editando foto ou vídeo, divulgando ou agendando postagem. É bem desgastante, tive bastante crises de enxaqueca por causa da luz do celular e tendinite no braço (H.).*

É importante trazer à tona, portanto, que, adicional aos riscos de infecções transmitidas nos encontros presenciais, o trabalho sexual digital adiciona o desgaste mental ao quadro de riscos de doenças ocupacionais. Alguns dos fatores de adoecimento levantados na pesquisa: longas jornadas de trabalho frente ao computador - respondendo mensagens, atraindo clientes, postando conteúdos, engajando nas redes sociais para ter maior alcance de público; exaustão mental - uso excessivo de criatividade, simpatia - aqui, estima-se que seja similar ao experienciado na rua; lombalgia, tendinite, enxaquecas; solidão de relacionamentos - homens tem insegurança para se relacionar com mulheres que vendem conteúdo adulto e, também, solidão no sentido de ausência de compartilhar com pessoas próximas a atividade que exerce.



Além disso, conforme o relato de N., e S., os riscos da venda de conteúdo adulto na internet passam, também, pelo presencial: não raro, fotógrafos são alvos de denúncias por abusos tanto psicológicos quanto físicos durante ensaios. Ensaios esses, que, falando dos riscos propriamente da internet, são comuns que sejam vazados.

*Sobre a questão de estar segura, quais são os riscos. Toda profissão, na minha opinião, existe riscos, você pode sofrer um abuso dentro de uma empresa por parte do seu chefe, dentro de uma equipe ou por colegas de trabalho, então, assim, na fotografia é a mesma coisa. Tem a possibilidade de você sofrer abuso psicológico, abuso físico, eu conheço várias meninas que já foram assediadas por fotógrafos então infelizmente é uma coisa que existe e é uma coisa que não tem como mudar a não ser que você exponha esse fotógrafo e aí todas as outras modelos vão ficar sabendo e não vão mais tirar foto com ele. Provar que realmente aconteceu e tomar as medidas cabíveis para que isso não ocorra mais (N.).*

*Tem que saber lidar com “fã” apaixonado (obsessivo), ter diretrizes para não se expor em encontro arriscado, saber que sempre vai ter alguém anônimo vindo esculachar de graça. (...) se não me sinto seguro não saio nem por milhões... existe risco de dst, cyberbulling, agressão (I.).*

*Vc acaba se expondo tanto a ponto de deixar pessoas fissuradas, loucas, apaixonadas em vc e isso acaba atrapalhando um pouco na questão de segurança, então você tem que saber onde você está indo, com quem, o que você vai fazer, que horas e tomar muito cuidado e postar as coisas em horários diferentes. (C.).*

Assim, pensando no papel da Psicologia para atuar com pessoas que estão inseridas no mercado do sexo virtual, espera-se que esse trabalho, ao se aproximar da prática do trabalho sexual digital possa contribuir a fim de propiciar uma escuta livre de estigmas e atenta a integralidade dos sujeitos. Na qual, conforme o desejo relatado pelas participantes, possam ter,

no consultório, um espaço ausente de julgamentos e preconceitos e sem o medo de quem está ali, escutando, ser contra o exercício da profissão de quem fala.

*Eu acho que seria legal psicólogos que fossem a favor do sex work, porque eu não sei se a pessoa que está me ouvindo é contra a minha profissão. (S.).*

Por outro lado, fatores relacionados à segurança e redução de danos, aumentando a qualidade do serviço oferecido e da vida fora do trabalho, estão: compartilhar com amigos e familiares a ocupação; sentir-se seguro; identificar-se com a ocupação; ter significado além do financeiro; satisfazer, também, seus fetiches.

*São coisas completamente diferentes, o que eu vendo na internet é um personagem, eu não sou assim na vida (real). Eu gravei conteúdo explícito só com meu namorado, então não vejo por que as pessoas falam de comportamento de risco. Me incomoda que todo mundo pode me sexualizar, menos eu mesma. Não vejo como algo solitário, as meninas se ajudam bastante na divulgação, todo mundo sabe que tem público para todas (B.).*

A ausência de apoio psicológico é um dos fatores que o trabalho tenta apontar, bem como a importância de superarmos os estigmas que recaem sobre as mais diversas formas de prostituição e de venda de conteúdo adulto online para que as trabalhadoras, possam buscar apoio psicológico e, nesse apoio, sentirem-se à vontade para relatar e pensar sobre a prática que estão realizando e para que possam ser ouvidas de forma a não ser reduzida a sua prática profissional, como se todo sofrimento vivido fosse relacionado ou decorrente do trabalho sexual. As disputas entre feministas radicais e trabalhadores do sexo agrava esse cenário. Como citado por uma das entrevistadas:

*Eu sou tratada como garota de programa por muita gente inteligente e principalmente mulheres do feminismo radical. Pra sociedade eu perdi meu direito de ser feminista quando fiz meu cadastro naquele site. E esse pensamento que as pessoas possuem, é para mim, a parte mais difícil do trabalho (B.).*

Os estigmas direta ou indiretamente oriundos de espaços ligados ao cuidado em saúde mental incidem sobre uma vez que, como dito por (S.): “*não sei se quem está me ouvindo é contra a existência do meu trabalho*”.

Pensando no papel da Psicologia e os campos que poderia providenciar auxílio para quem esta no mercado do trabalho sexual, acredita-se que, de acordo com as falas relatadas, a escuta clinica poderia propiciar apoio em assuntos referentes ao fortalecimento de identidade, seja para aqueles que atuam separando-se do personagem vendido ou para aqueles que não se distanciam e lidam com ataques de ódio direcionados diretamente a sua pessoa; desenvolver e aprimorar as capacidades psíquicas para lidar com a exposição continua tanto física quanto mental e social; aliviar os sintomas de burnout, solidão, exaustão; propiciar acolhimento e empoderamento para vítimas de vazamento ilegal. Para a Psicologia, também, é importante ouvir tais profissionais a fim de atentar-se às mudanças sociais que tal exercício de profissão vem gerando, apropriar-se dos novos fenômenos de expressão da sexualidade, consumo e lógicas financeiras.

*Tento buscar sempre pessoas e locais que aceitem aquilo que faço, para que não se torne motivo de arrependimento para mim (H.).*

*O aumento no número de pessoas que estão vendendo me preocupa bastante sabe, no privacy a gente vê meninas de 18,19 anos e fico pensando se elas realmente entendem as consequências disso (H.).*

*Muita gente que não enxerga e não vive nossa realidade de rede social, conteúdo, muita gente não entende, julga, são pessoas que não se aprofundam no assunto (C.).*

## **5. CONCLUSÃO**

Conclui-se, então, que um dos fenômenos possibilitados pela globalização da internet e exacerbado durante a pandemia do Covid19 é o da neoprostuição, tendo como pilares a necessidade e o interesse: seja de afeto, dinheiro ou de exibicionismo - característica citada em diversos momentos nas falas dos participantes.

O presente trabalho não cessa todas as discussões em torno da venda de conteúdo adulto na internet, tendo em vista que as bibliografias que discutem estritamente a neoprostuição, sem moralizações antiquadas, permanecem escassas. Estimula-se que mais pesquisas sejam feitas e mais vendedoras alcançadas para fins de continuar compreendendo as diferentes realidades e nuances das vendas.

Entende-se que, dentro das vendas de conteúdos virtuais, existem diferentes nichos, maneiras de se relacionar com clientes, com o próprio corpo e seus limites e também decidir se se permanece apenas no virtual ou também no presencial.

Os contribuintes da pesquisa, em sua maioria, relataram satisfação e identificação com o trabalho de venda, ensaios e os diferentes serviços eróticos que oferecem.

A internet serve como uma forma de redução de danos para o trabalho sexual e disponibiliza mais instrumentos para segurança, mas ainda assim possui doenças ocupacionais e riscos à saúde, em especial à saúde mental.

Destaca-se, nas diferenças do proposto pela literatura tratando da prostituição presencial o fato que o fetiche de exibicionismo também parte do lado de quem está vendendo a imagem do corpo e, este, permite sentir prazer nos encontros, quando e se o fazem, ou apenas nas vendas, quando exclusivamente atuam no virtual. Por permitir o sentimento de satisfação e prazer, alguns entrevistados relataram que não são um personagem, que realmente quem está exposto ali é o seu eu verdadeiro. Trata-se de um trabalho mais restrito ao fetiche desejado: girl

next door, teddy bear, cuckold<sup>9</sup>, cheiros e outros nichos citados. Relata-se maior sentimento de segurança e menos vulnerabilidade à exposição e uso de drogas.

Para similaridades, a recusa de realizar performances e fetiches que não se identifica, concorda; alguns entrevistados relataram que vendem sim um personagem e diferenciam-se do que expõe na internet; longas jornadas de trabalho e exaustão física e mental.

Sobre o webcamming erotico comercial, venda de conteúdo adulto e plataformas de distribuição de pornografia digitais, estimula-se que mais estudos sejam realizados na área a fim de compreender com mais profundidade as realidades de quem está inserido no mercado, atuando na frente de computadores e celulares, seus riscos, benefícios, medos, desejos e afins.

---

<sup>9</sup> Vizinha, ursinho, corno

## 6. REFERÊNCIAS

BRUNS, Maria Toledo; GUIMARÃES, Roberto. **Garota de Programa**: uma nova embalagem para o mesmo produto. Campinas: Átomo, 2010.

BURBULHAN, Fernanda, Guimarães, Roberto Mendes e Bruns, Maria Alves de Toledo. Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes. **Psicologia em Estudo**. 2012, v. 17, n. 4, pp. 669-677. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/TP88F7g48RFVFLhkT7HXSjQ/?lang=pt>>. Epub20 Jun 2013. ISSN 1807-0329. Acesso em: 21 de março de 2022.

CAMINHAS, L. R. P. Webcamming erótico comercial: nova face dos mercados do sexo nacionais. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 64, n. 1, p. e184482, 2021. DOI: 10.11606/1678-9857.ra.2021.184482. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/184482>. Acesso em: 19 de março de 2022.

HUGHES, D.M & Compostela S. **Prostitution**: Causes and solutions. (2004).

MOURA, Ana Débora A et al. Prostituição x DST/Aids: Um estudo descritivo com perspectiva de práticas de prevenção. **DST - J bras Doenças Sex Transm** 2009: 21(3): 143-148. Disponível em <<http://www.dst.uff.br/revista21-3-2009/8-Prostituicao-x-DST.pdf>>. Acesso em: 21 de março de 2022.

JONES, Angela. “I Get Paid to Have Orgasms”: Adult Webcam Models’ Negotiation of Pleasure and Danger. **Revista Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v.42, n 1, p. 227-256. DOI 10.1086/686758. Disponível em <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/686758>> . Acesso em: 10 de março de 2022.

JUDITHA, Christiany. The Communication Network of Online Prostitution in Twitter Jaringan Komunikasi Prostitusi Daring di Twitter. **Jurnal ASPIKOM**, v. 6, n.1, 2021, p. 13-28. P-ISSN: 2087-0442, E-ISSN: 2548-8309. DOI: <http://dx.doi.org/10.24329/aspikom.v6i1.826>. Disponível em <[https://www.researchgate.net/publication/348605490\\_The\\_Communication\\_Network\\_of\\_Online\\_Prostitution\\_in\\_Twitter/fulltext/60071834299bf14088aa43dc/The-Communication-](https://www.researchgate.net/publication/348605490_The_Communication_Network_of_Online_Prostitution_in_Twitter/fulltext/60071834299bf14088aa43dc/The-Communication-)

Network-of-Online-Prostitution-in-Twitter.pdf?origin=publication\_detail> Acesso em: 10 de março de 2022.

PRADO, Monique. **Putafeminista**. São Paulo, Editora Veneta: 2018.

SANTOS, BÁRBARA LOUISE ROSA; BARACAT, EDUARDO MILLÉO. SÍNDROME DE BURNOUT NOS TRABALHADORES EM REGIME DE HOME OFFICE E O DIREITO À DESCONEXÃO. **Percurso**, [S.l.], v. 2, n. 39, p. 12 - 15, out. 2021. ISSN 2316-7521. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/percurso/article/view/5470/371373453>>. Acesso em: 23 de março de 2022.

SILVA, Breno P. R.; VELOSO, Julia C. S.; DE SÁ, Vinicius A. G. Consumo de mídia durante a pandemia. **Anais do Congresso Nacional Universidade EAD e Software Livre**, Belo Horizonte, v.2, n.11, 2020. Disponível em <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/17554/1125613587>>. Acesso em: 13 de março de 2022.

## 7. ANEXOS

### ANEXO I - Entrevistas

#### **S, 25 anos, Santa Catarina**

- 1- Sou mulher bissexual
- 2- Médio completo e sou modelo
- 3- Experiência erótica com segurança
- 4- Sim, toda minha família sabe e me apoia
- 5 - Sim, trás liberdade pra modelo escolher o conteúdo com qual se identifica mais
- 6 - Muito, ganho dinheiro de qualquer lugar e até dormindo, nenhum outro emprego me traria isso
- 7 - Sinto sim, tenho a liberdade de escolher com quem vou gravar e que tipo de conteúdo quero produzir, os riscos são os vazamentos de conteúdo, no início eu achava bem ruim, hj vejo como marketing gratuito e só controlo o tanto que é vazado.

Trabalhava em boate e no meio da pandemia tudo fechou, não tinha como ganhar dinheiro, tinha 300 reais na conta. Comecei a gravar vídeos pro tiktok contando minha rotina de como era trabalhar em boate, como garota de programa e meu vídeo viralizou, cinco milhões de visualizações e o pessoal começou a pedir. Naquela época, ninguém podia sair para pegar ninguém, então compravam muito conteúdo. Comecei a vender fotos, meu primeiro mês trabalhando com conteúdo digital faturei vinte e cinco mil reais e os meses seguintes também foram isso, vinte a vinte e dois mil, por ai.

Tive uma parada um tempo porque... nos primeiros meses estava faturando alto e comecei a namorar, tive que parar com isso, de início o rapaz aceitou mas depois não quis aceitar mais. Eu ganhava mais que ele, estava faturando quinze mil reais por mês e querendo ou não o trabalho na internet consome muito o tempo da gente. Você tem que estar ali o tempo todo junto respondendo cliente, cheguei a surtar, fiquei três meses trabalhando demais, era viciada em energético, tomava três, quatro latas de energético por dia para dar conta de trabalhar.

Mas teve dia de fazer dois mil e quinhentos reais em um dia só, pensa quantas pessoas eu respondia, gravava video pro tiktok, fazia todo meu marketing, sempre fazia tudo muito sozinha então é um trabalho que me trouxe independência de não estar mais em ambientes que



são perigosos mas é um trabalho que consome muito a cabeça da gente, principalmente se você tem que fazer tudo sozinha, como a maioria das minhas amigas fazem que nem eu.

Algumas até tem assessores, mas eu prefiro fazer sozinha porque penso assim: “quer fazer alguma coisa bem feita, faça você mesma”, então eu sou minha própria financeira, marketeira, eu faço muita coisa por marketing. Então é um trabalho que exige mais de você do que ser garota de programa, porque a garota de programa vai ali, o cara chama ela, vai lá, transa e no fim paga e no fim tá tudo certo, é uma horinha que você vai receber mas é um trabalho estranho, eu prefiro trabalhar na internet.

Mas muitas meninas que trabalham com isso fazem programa, a maioria tem seu valor, às vezes é um valor bem alto então acaba não fazendo muito mas é difícil uma que venda conteúdo adulto que nunca tenha feito programa na vida, todas que conheço já fizeram, até falam que não mas eu sei que fizeram.

### **N, 27 anos, São Paulo**

1. Mulher, hétero.
2. Ensino médio completo, curso de direito incompleto (parei no 9º semestre)
3. Não considero prostituição. Minha experiência com as vendas é levada sim como uma profissão com uma ligação de exibicionismo (fetiche).
5. Sim. Quando você firma um determinado público, fica mais fácil de controlar as suas vendas. Você entende o que os seus assinantes realmente gostam ou esperam de você. Alguns tem o fetiches por pés, outros em ver 2 mulheres juntas, por aí vai.
6. Sim. Eu junto o útil ao agradável. Antes de iniciar as vendas eu já realizava a produção de ENSAIOS SENSUAIS. Via que muitos possuíam interesse em ver algo além e me aproveitei disso. Hoje minha renda mensal é única e exclusivamente da produção de conteúdos adultos.
7. Toda minha família sabe, pai, mãe, irmã e meu ex. Assim como o restante da família. Nunca tive problema em esconder isso. Até porque é o meu trabalho.
8. Me sinto segura no sentido financeiro. Riscos há em toda profissão. Mas infelizmente existe a possibilidade de abuso por parte de fotógrafos (de forma física e psicológica).

Sobre a questão de estar segura, quais são os riscos. Toda profissão, na minha opinião, existem riscos, você pode sofrer um abuso dentro de uma empresa por parte do seu chefe, dentro

de uma equipe ou por colegas de trabalho, então, assim, na fotografia é a mesma coisa. Tem a possibilidade de você sofrer abuso psicológico, abuso físico, eu conheço varias meninas que já foram assediadas por fotógrafos então infelizmente é uma coisa que existe e é uma coisa que não tem como mudar a não ser que você exponha esse fotógrafo e aí todas as outras modelos vão ficar sabendo e não vão mais tirar foto com ele. Provar que realmente aconteceu e tomar as medidas cabíveis para que isso não ocorra mais. Graças a deus eu só não me senti bem com um fotógrafo até hoje e já tirei foto com pelo menos uns cinquenta e problema mesmo só tive com um e acredito que os riscos que existam seja mesmo a questão de exposição de uma forma que você não queira.

Muitas meninas trabalham de forma escondida e sua imagem sempre vai vazar. Hoje em dia a pornografia ela é muito facil para poder se espalhar então assim eu tenho ensaios completos na internet, se voce jogar meu nome e nua ou pelada infelizmente voce encontra no google, isso é um risco que quem trabalha com essa parte de venda de conteudo adulto sofre, infelizmente é real e é quase impossivel eu não conhecer nenhuma modelo que não tenha vazado pelo menos um conteudo ate mesmo dentro de plataformas vazam e é complicado, acredito que a unica coisa chata seja isso na profissao mas de resto tudo tranquilo.

A questão sobre a minha família eu nunca escondi de ninguém seja familiar ou amigo, tudo que eu trabalho. E assim, muita gente me apoia, muita gente acha legal, diferente, acha que super me encaixo nisso e sempre vai ter aquela galera que não curte, talvez por preconceito ou talvez por não ter coragem de fazer igual e achar que isso é errado de certa forma. Eu nunca tive problema em esconder nem do meu pai nem da minha mãe, nem da minha família, amigos, minhas filhas elas não têm a consciência do que significa isso mas elas olham fotos minhas no instagram e por mais que elas sejam crianças elas entendem que a mãe delas é uma modelo, acredito que claro daqui uns anos quando elas tiverem quinze anos elas vão ver isso como uma profissão de forma normal e caso elas queiram trabalhar com isso também acima da idade permitida eu super vou apoiar.

### **B, 26 anos, Rio Grande do Sul**

1- mulher/bissexual.

2- ensino superior em andamento

3- prostituição não. Algo como experiência erótica sim.

4 - minha mãe sabe pois é de onde vem parte de nossa renda, dos outros nunca escondi, eles devem ver no meu Instagram porém não falam nada sobre comigo.

5- com certeza! A maioria dos clientes sempre quer ver algo em específico que tem a ver com o fetiche dele.

6- o retorno é muito bom, o que ganho lá eu não ganharia em um mês em um trabalho “normal” por exemplo. Mas as vezes realmente não é muito confortável.

7- me sinto com um pouco de medo devido stalkers e homens do tipo. Já conheci meninas que tiveram a casa invadida e também tenho esse medo.

Nunca compartilho minhas localizações nos momentos que estou lá.

Eu sou tratada como garota de programa por muita gente inteligente e principalmente mulheres do feminismo radical. Pra sociedade eu perdi meu direito de ser feminista quando fiz meu cadastro naquele site. E esse pensamento que as pessoas possuem, é para mim, a parte mais difícil do trabalho.

Eu tiro meus nudes, posto lá no of\*, ganho dinheiro com isso, não tenho contato com nenhum homem, é tudo extremamente feito com distância e com minha criatividade, minha câmera, as poses que eu quero, as fotos que eu escolho divulgar, são todas minhas escolhas, isso é o contrário de ser prostituta.

Eu tenho o próprio controle da minha imagem e da mesma forma que muitas mulheres postam foto de lingerie nas redes, alguns of\* são até parecidos com isso. O mais difícil mesmo é a visão de outras mulheres com a gente. Quem posta só no insta já recebe xingamento mesmo mas quando a gente resolve monetizar piora demais.

São coisas completamente diferentes, o que eu vendo na internet é um personagem, eu não sou assim na vida (real). Eu gravei conteúdo explícito só com meu namorado, então não vejo porque as pessoas falam de comportamento de risco. Me incomoda que todo mundo pode me sexualizar, menos eu mesma. Não vejo como algo solitário, as meninas se ajudam bastante na divulgação, todo mundo sabe que tem público para todas.

\*OF: OnlyFans.

## **H, 24 anos, Rio Grande do Sul**

1. Mulher cisgênera e heterossexual.
2. 24 anos
3. Superior cursando. No momento me identifico como criadora de conteúdo, mas antes disso minha última profissão foi de estagiária.
4. Fotos e vídeos, sem contato direto com consumidores. Eu considero como um tipo de prostituição sim, uma prostituição virtual.

5. Sim, é mais fácil crescer e atrair clientes com um nicho já predefinido. Eu acabei descobrindo qual seria meu nicho já depois de ter começado, eu me enquadraria no nicho de "girl next door".
6. Sim, muito satisfeita. A atividade, como qualquer outra, é proporcional ao investimento de tempo e dinheiro que fazemos, portanto, qualquer insatisfação é devida a alguma lacuna de esforço.
7. Sim, desde o início.
8. Momentaneamente, me sinto. Tento buscar sempre pessoas e locais que aceitem aquilo que faço, para que não se torne motivo de arrependimento para mim. Trabalhar com a internet é cansativo e é um trabalho invisível, então, ninguém reconhece quando você passa horas respondendo mensagem, editando foto ou vídeo, divulgando ou agendando postagem. É bem desgastante, tive bastante crises de enxaqueca por causa da luz do celular e tendinite no braço. Outro risco que vejo é o vazamento de conteúdo, mas isso pode acontecer com qualquer pessoa, inclusive já havia acontecido comigo antes de vender conteúdo.
9. Muitas pessoas ainda tem preconceito sim. Outra situação que acaba gerando preconceito, é que muitas meninas que vendem conteúdo também fazem programa, gerando uma confusão sobre as outras pessoas que trabalham apenas com conteúdo.

Eu faço mais o que me dá na telha mesmo sabe. Já aconteceram "encomendas" mas eu não atendo a todas não. Eu acho que é uma prostituição sim, só que não igual a de rua/noite, coloco como uma prostituição 2.0, sabe, neoprostituicao, porque tu está pagando pelos direitos de ver imagens/videos da pessoa. Primeiro que se a gente for pensar friamente tudo é uma prostituição, só são partes diferentes que a gente dá, eu dou a minha imagem por exemplo, por mais que a pessoa não toque em mim. Pra mim prostituição é vender o corpo e isso eu faço também, mas como não faço o encontro presencial ou virtual, não faço o "programa", entende? Mas isso de outras meninas que vendem conteúdo também fazerem programa/encontros presenciais acaba manchando a reputação daquelas que só fazem conteúdos sabe. É um trabalho que te cobra muito mais psicologicamente, claro que é importante ter um corpo legal, mas as meninas que mais vendem são aquelas que criam mais, que investem na parte criativa, em equipamento, divulgação, quem grava vários tipos de coisa e nem sempre são pessoas bonitas. Então tu tem que estar sempre criando e produzindo, acaba sendo algo bem desgastante, a internet nunca tem folga. O aumento no número de pessoas que estão vendendo me preocupa bastante sabe, no privacy a gente vê meninas de 18,19 anos e fico pensando se elas realmente entendem as consequências disso

## **I., 26 anos, Rio Grande do Sul.**

1. Homem cis gay
2. 26
3. Médio completo
4. Vídeos, solo e acompanhado, fotos, cam interativa, atendimento presencial, massagem, conversa
5. Existe muito e facilita se tu te identifica, existe espaço pra absolutamente tudo, a partir do momento que tu faz algo que gosta as pessoas te acham... eu me enquadro na categoria “otter” ou “bear” ou “fun size” (homens pequenos peludinhos/baby face) “pau grosso” mas não dá pra ser cirúrgico numa exata
6. Sim eu amo fazer e tô vivendo o momento da minha vida tendo experiências que nunca tinha sonhado é um metaverso completamente singular haha
7. Sim, só peço pra família não olhar haha
8. Tem que saber lidar com “fã” apaixonado (obsessivo), ter diretrizes pra não se expor em encontro arriscado, saber que sempre vai ter alguém anônimo vindo esculachar de graça.. enfim adesivo no umbigo, se não me sinto seguro não saio nem por milhões... existe risco de dst, cyberbullying, agressão e tudo mais
9. Bah da pra fazer uma lista extensa da visão geral sobre trabalho sexual... a grande maioria acredita que é demérito, baixo intelecto, falta de opção ou vagabundagem... vai demorar a ser normalizado e respeitado, demanda muita paciência e organização pra transar, engajar, editar, dar atenção etc...
10. Homens gays jovens, maduros, gordos, magros, casados, héteros todos....

## **C., 24 anos, São Paulo**

Mulher, cis, bissexual, fico igualmente com homem e com mulher.

Médio completo. Digital influencer, modelo (fotos e close friends) e empresária: tenho uma marca de lingerie.

Considero trabalho, são apenas vídeos, não faço encontros. Não considero prostituição, considero arte, para ser bem sincera, é um trabalho mesmo e dá muito trabalho e também muito dinheiro se voce souber fazer. Considero como experiência erótica.

Todo mundo tem fetiche e isso dai facilita, com certeza, a venda do produto. Por exemplo, cada vez que você fizer um conteúdo e postar aquele conteúdo a pessoa vai se identificar se de

repente ela tiver aquele fetiche vendo o que está sendo postado e vai acabar adquirindo o produto. Super satisfeita com a atividade e o retorno que ela me traz.

Todo mundo sabe que eu faço, minha vida é um livro aberto para todo mundo menos pro meu ex, que eu acabo bloqueando, não sei se eles acabam vendo também mas eu bloqueio pq não tenho paciência para eles, o mundo inteiro vê o que eu faço e para mim tá tudo bem. Quem eu conheço que me ama me apoiam e minha vida é muito boa, não tenho nada a reclamar. Me considero muito segura, os riscos são na vdd segurança, pq assim, vc acaba se expondo tanto a ponto de deixar pessoas fissuradas, loucas, apaixonadas em vc e isso acaba atrapalhando um pouco na questão de segurança, então você tem que saber aonde vc tá indo, com quem, oq vc vai fazer, que horas e tomar muito cuidado e postar as coisas em horários diferentes. esse tipo de cuidado tem que ter.

Olha, no começo tinha muito tabu, muito preconceito, pq na realidade, muitas das meninas faziam apenas para essa finalidade de prostituição mas agora hoje em dia pelo menos para mim na minha vida é uma coisa que é realmente admirado por todos, eu saio todos os dias, sou bem rolezeira, e assim, nunca ninguém me desrespeitou, todo mundo admira, quer tirar foto, é como se fosse uma revista, antigamente não era na revista que as mulheres saíam pelada, então, hoje em dia é a internet.

mas enfim, as pessoas que me rodeiam normalizaram isso completamente, com 100 de certeza, pra mim é normal, pra minha família é normal e todo mundo respeita muito meu público e bem dividido mesmo, tanto para homem quanto para mulher quanto para casal, muita gente que não enxerga e não vive nossa realidade de rede social, conteúdo, muita gente não entende, julga, são pessoas que não se aprofundam no assunto.

Isso é um trabalho que me rende muito bem e que também me faz muito bem, tanto na parte de ser independente quanto na parte de me sentir bem comigo mesma, com meu físico, minha aparência, pq a gente nunca sabe o poder que a gente tem, até a gente usar e mostrar.

Only fans é para assinatura do exterior e close friends assinatura do Brasil. (Meu) conteúdo é menos agressivo, bem menos agressivo e explícito que porno mesmo, de site porno de sexo e tudo isso, mas ainda assim é bem safado, é mais delicado, mais instigante, mais atraente mais interessante, o pessoal gosta de ver algo mais caseiro, mais íntimo, mais comum, mais normal. Iniciei com 22 anos

**T., 29 anos, Rio Grande do Sul**

1. Mulher cis, heterossexual

2. Pós graduanda, advogada.

3. Experiência erótica e exibicionismo
  4. Alguns familiares e amigos mais próximos, que inclusive ajudam a produzir conteúdos.
  5. Facilita muito. Pois é um mercado vasto, com diversas possibilidades e abranger e contemplar diferentes gostos/público
  6. Sim. É um mercado muito rentável que geralmente não tem crises econômicas, uma vez que as pessoas consomem conteúdos diuturnamente.
  7. Você se sente segura na atividade? Existem riscos? Se sim, quais? As vezes não me sinto segura, por conta da exposição e possíveis vazamentos de conteúdos. É um nicho que existe muitos hackers e criminosos.
  8. Qual o seu público? (Ex: homens héteros, casais...).
- Meu público são casais, homens heteros, trios, mulheres lésbicas, e mulheres trans.
9. Você faz encontros pessoalmente ou apenas virtual? Já fiz encontros pessoalmente, mas hoje, na medida do possível, somente virtual, por conta da minha profissão.
- Eu tenho atendido fetiches de pés, bbw, Cuckold ("corno"), Swing (troca de casais) Voyeurismo, e calcinhas usadas. faz 4 anos que trabalho nessa área. Nos últimos 6 meses com menos frequência por conta de outros trabalhos.

**U., 29 anos, São Paulo**

1. Mulher cisgênero e bissexual
2. Formada em fotografia, atualmente trabalho como fotógrafa, dona de uma loja (que abri com dinheiro do onlyfans inclusive) e produtora de conteúdo adulto
3. Muito honestamente, o modelo capitalista é uma grande prostituição da nossa mão de obra, a diferença entre os trabalhos é apenas tabu social. Mas levando ao pé da letra, prostituição - na minha opinião - é mais quando parte pras pessoas estarem juntas fisicamente em um lugar e alguma delas ganhando pelas práticas combinadas ali, então não acho. Agora, como experiência erótica, é sim.
4. Compartilho sim, minha mãe e irmãos sabem que tenho onlyfans e super apoiam a decisão.
5. Depende, as pessoas tem uma falsa ideia que criar onlyfans é fácil e rios de dinheiro vão aparecer.... até pode ser se você já tiver uma base de seguidores interessados, como era no meu caso. Eu particularmente não tenho nicho específico, vou conversando com quem assina e vou entendendo os gostos e o que produzir pra lá
6. Me sinto satisfeita sim
7. Olha, do jeito que eu faço, sim. Sou extremamente respeitada dentro do onlyfans por quem me segue, nunca tive problemas ali dentro pra ser sincera, mas sei que talvez não seja a mesma

experiência pra todas. O maior risco eu acredito ser a exposição sem consentimento, existem grupos de pessoas que trabalham com conteúdo adulto no telegram pra alertar de certos perfis que fazem isso, ou que roubam seu conteúdo pra vender em outra plataforma, ou botar em sites como xvideos, pornohub e afins, então a cabeça precisa ser boa e entender que essa possibilidade existe infelizmente

8. Meu público em maioria é homem hétero, uma vez e outra aparece alguma mulher, mas bem pouco mesmo.

9. Me pedem MUITO por encontros pessoalmente, mas é um limite que não quero passar, até por questões de segurança, então é apenas virtual mesmo

Fetiches que não faz: não é crime mas reverbera para outros interesses que envolvem situações de vulneráveis de verdade. A gente vende muito afeto.

os caras acham que as meninas são umas coitadas e eles são salvadores, acham que estão salvando elas com o dinheiro deles todo mês

É um trabalho exaustivo sim, a minha libido quando desce reverbera na vontade de querer gravar conteúdo.

é um gosto pessoal mas eu entendi que me exhibir fazia parte do meu fetiche, sempre tive preguiça em cara me mandando nude mas eu sempre gostei de mandar, antes mesmo do onlyfans, agora a diferença é que vou apenas começar a ganhar dinheiro

preciso entender o que eu acho dessas pessoas vindo me xingar de graça

É uma falácia achar que onlyfans é pra se tudo der errado, é um trabalho como qualquer outro e a parte chata é buscar inscritos e manter os clientes interessados.

pagar para ler a mensagem, se ele não vai consumir nada eu não quero dialogar com ele calcinha usada

eu tive o privilégio de ter uma base de seguidores e de não esconder do perfil pessoal

**W., 38 anos, São Paulo.**

1. Heterossexual
2. Superior completo em logística cursando a segunda gestao financeira
3. Não considero prostituicao pois não tenho contato físico
4. Não vejo nenhum estigma
5. Facilita muito ter fetiches
6. Não me sinto satisfeita, trabalhava em uma multinacional e fui demitida em dezembro, estou pegando seguro, quando voltar ao mercado eu paro
7. Quanto ao retorno é bom já cheguei a ganhar dois mil reais em uma semana



8. O meu conteúdo não é tao explicito, não faço nada referente a se masturbar ou transar apenas fotos e videos de bumbum e seios, algo mais leve
9. Não sinto que preciso melhorar qualidade de vida mas acredito que quem tem vinculo com as coisas sexuais precisem sim

**M, 31 anos, Belém do Pará.**

1. HETERO
2. TERCEIRO GRAU COMPLETO
3. NO MEU CASO FAÇO PQ TO SEM EMPREGO, MAS É UMA COISA MAIS ERÓTICA TBM
4. DINHEIRO
5. SIM
6. NEM TANTO. É COMO MONTAR UM NEGÓCIO PRÓPRIO DE VENDA, AS VEZES VC VENDE BEM AS VEZES NÃO
7. Sim
8. Não pq minha imagem é vazada
9. Sim, de parentes verem